UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

CLARISSA CRISTINA DA SILVA

Relações afetivas e masculinidade negra: um estudo *sobre Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo

MARIANA
2025

CLARISSA CRISTINA DA SILVA

Relações afetivas e masculinidade negra: um estudo sobre *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Letras - Português como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português, pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientação: Prof.ª Bernardo Nascimento de Amorim

MARIANA

2025

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E SOCIAIS
COLEGIADO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA - LINGUA PORTUGUESA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Clarissa Cristina da Silva

Relações afetivas e masculinidade negra: um estudo sobre *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras Português

Aprovada em 27 de agosto de 2025

Membros da banca

Prof. Dr. Bernardo Nascimento de Amorim - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Carolina Anglada de Rezende - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Rodrigo Corrêa Martins Machado - Universidade Federal de Ouro Preto

Bernardo Nascimento de Amorim, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/08/2025

Documento assinado eletronicamente por **Bernardo Nascimento de Amorim**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/08/2025, às 21:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0969135** e o código CRC **F3895474**.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3557-9435 - www.ufop.br

Agradecimentos

A música que me serve de epígrafe resume tudo o que este trabalho representa para mim. Como mulher negra, chegar até aqui é dar continuidade a sonhos que nasceram muito antes de mim, sonhos que meus pais, Walter e Alessandra, regaram com esforço, coragem e amor. Eles batalharam para que eu e meus irmãos, Gustavo e Gabriela, tivéssemos acesso à educação e pudéssemos escrever novas histórias. A eles, minha gratidão eterna.

À Ana, minha namorada, mulher negra como eu, que conheci durante o curso e que esteve ao meu lado em todos os momentos. Este TCC também é seu, fruto da sua resistência e força, que me inspiram diariamente. Obrigada por me ouvir nas horas difíceis, por me acalmar quando pensei em desistir, e por caminhar comigo com amor e cumplicidade, me lembrando do valor da minha caminhada. Nosso encontro é parte essencial desta história.

Agradeço também aos meus irmãos, que com seu apoio e companhia tornaram os retornos para casa mais leves (mesmo com algumas brigas). Um obrigada especial à minha irmã Gabriela, que me presenteou com a alegria de ser tia do meu sobrinho Anthony, que já tem um ano e ilumina nossas vidas.

Agradeço também aos meus avós: Maria, pela presença amorosa; e aos que já se foram, Raimunda, Aurélio e Matias, cujas memórias me acompanham e me fortalecem.

Este TCC, que mergulha na obra de Conceição Evaristo, é também sobre mim. É sobre as marcas que a vida escreve em nossos corpos, sobre a ancestralidade que nos guia, sobre os afetos que nos sustentam. Cada palavra que compõe este trabalho é semente lançada com esperança, continuidade de uma memória coletiva que insiste em existir, resistir e florescer.

Aos amigos do ensino fundamental e médio, Queila (minha melhor amiga), João Vitor e Gustavo, que nunca deixaram de torcer por mim, mesmo à distância. O apoio de vocês foi um alento e uma motivação ao longo de toda essa jornada.

À minha pequena família improvisada, formada ao longo da caminhada, tanto na moradia onde passei os últimos semestres, quanto na República Favinho de Mel, onde tudo começou. Nadderson, Isabela (Clixê), Ilídio, Fernanda, Dayane (FBI) e Diovanna (Spock), meu obrigada pelos dias

compartilhados, pelas risadas, pelos silêncios compreendidos e pelo apoio constante em cada momento.

Aos meus amigos de curso, Izadora (minha parceira de UFOP), João e Clara: vocês foram apoio, incentivo e afeto nos dias mais difíceis (e também nos mais bonitos). Sou muito grata por ter cruzado com vocês no meio do turbilhão acadêmico.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Bernardo Amorim, que desde o segundo período, quando lecionava Literaturas Africanas, desejei que fosse meu guia nesta jornada. Sua orientação foi fundamental para que este trabalho fosse concluído.

Um sincero obrigada a todos que estiveram comigo ao longo deste percurso. Não conseguiria nomear cada um, mas deixo aqui minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa caminhada.

"Eu sou a continuação de um sonho."

-BK’

RESUMO

Este trabalho analisa o romance *Canção para ninar menino grande* (2022), de Conceição Evaristo, tendo como foco a história de Fio Jasmim e as experiências que ajudam a formar a sua masculinidade. A pesquisa procura entender como as relações afetivas do personagem, especialmente com as mulheres, revelam a constituição da sua subjetividade, também tocada por elementos de um racismo estrutural que pode ter marcado sua vida e moldado suas atitudes. O estudo dialoga com as reflexões de bell hooks sobre masculinidade negra e afetividade para compreender como a obra questiona modelos tradicionais e propõe outras possibilidades de ser homem negro. Destaca-se que a narrativa, ao dar voz às mulheres e à dimensão emocional de Fio, contribui para uma reflexão crítica sobre as experiências negras no Brasil e sobre a importância de integrar afeto e vulnerabilidade à subjetividade masculina.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Afetos; Masculinidade negra; Subjetividade; Racismo estrutural; bell hooks.

ABSTRACT

This study examines the novel *Canção para ninar menino grande* (2022), by Conceição Evaristo, with particular attention to the story of Fio Jasmim and the experiences that form his masculinity. It aims to understand how the character's affective relationships, especially with women, reveal his subjectivity, also touched by elements of a structural racism which could have influenced his life and shaped his attitudes. Engaging with bell hooks' theoretical reflections on Black masculinity and affectivity, the study considers how the novel challenges conventional models of manhood and envisions alternative possibilities for Black male identity. It's underlined that by foregrounding both the voices of women and Fio's emotional dimension, the narrative fosters a critical reflection on Black experiences in Brazil and on the significance of integrating affection and vulnerability into male subjectivity.

Keywords: Conceição Evaristo; Affections; Black masculinity; Subjectivity; Structural racism; bell hooks.

SUMÁRIO

Introdução.....09
1 Fundamentos teóricos e contextuais: entre teoria e escrevivência...11
1.1 Literatura afro-brasileira.....11
1.2 Conceição Evaristo 14
1.3 Fortuna crítica de Conceição Evaristo.....18
1.4 Masculinidade negra.....22
2 Análise literária: entre narrativa, memória e afeto.....26
2.1 *Canção para ninar menino grande*.....26
2.2 A narradora.....29
2.3 Fio Jasmim.....33
Conclusão.....46
Bibliografia.....48

Introdução

A literatura negra, apesar de sua grande relevância para a compreensão da realidade social e histórica do Brasil, ainda é insuficientemente abordada nas escolas e em outros espaços. A falta de autores e autoras negras nas aulas de literatura limita o acesso a perspectivas diversas, essenciais para o entendimento das questões de raça, identidade e desigualdade no país. Ao incluir mais obras de escritores negros, como Conceição Evaristo, em projetos educativos, busca-se não apenas enriquecer o conhecimento literário dos alunos e formar leitores críticos, mas também contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e consciente das questões raciais.

Além disso, durante muito tempo, as escritas das mulheres negras foram ignoradas ou não receberam o devido reconhecimento no campo literário brasileiro. Suas vozes foram silenciadas inúmeras vezes, sendo inseridas de forma tardia e com dificuldade na produção literária nacional. Maria Firmina dos Reis, por exemplo, considerada a primeira escritora negra do Brasil, autora do romance *Úrsula*, foi relegada ao esquecimento pela memória literária brasileira, assim como tantas outras mulheres negras que, apesar de contribuírem com textos e reflexões, não tiveram seus nomes preservados. É o que nos diz Ana Rita Santiago:

> A história de Maria Firmina provavelmente seja uma entre outras histórias de mulheres negras que, em vários estados, atuando como professoras em escolas públicas, principalmente do interior, escreveram sobre temas patrióticos e religiosos para eventos da cidade ou publicaram em pequenos jornais, mas que tiveram seus nomes “esquecidos” pela memória literária no Brasil. (Santiago, 2012, p. 9)

Em relação a Conceição Evaristo, o caminho não foi diferente, mesmo sendo uma escritora de produção relativamente recente. Seus primeiros textos foram veiculados pelos *Cadernos Negros* – periódico fundado em 1978 por escritores negros com o objetivo de ajudar outros escritores a publicarem suas

obras –, na década de 1990. Através dessas publicações, Evaristo teve sua voz ouvida e, hoje, proporciona à sociedade brasileira, por meio de sua *escrevivência*, obras de extrema importância, como o romance *Canção para ninar menino grande* (2018/2022).

Tendo como objeto de estudo o romance mais recente de Evaristo, a pesquisa focalizará as experiências de seu protagonista, Fio Jasmim, buscando explorar como sua masculinidade é construída e representada, e como a sua constituição afeta suas relações com as mulheres. Objetiva-se identificar como Conceição Evaristo subverte representações tradicionais da masculinidade negra, apontando alternativas. Ao abordar as relações de gênero e a construção da masculinidade negra, o romance *Canção para ninar menino grande* propicia uma reflexão crítica sobre a experiência negra no Brasil, desafiando o leitor a questionar as narrativas tradicionais e os estereótipos que envolvem a vivência dos negros no país. Além da análise do romance, esta pesquisa também se propõe a discutir sobre a literatura afro-brasileira de forma mais ampla, destacando suas características, importância e o papel que desempenha na construção de narrativas que valorizam a experiência negra. Será considerada, ainda, a fortuna crítica de Conceição Evaristo, reunindo estudos e reflexões que situam sua obra no contexto da produção literária contemporânea e da tradição de escritoras e escritores negros no Brasil.

1 Fundamentos teóricos e contextuais: entre teoria e escrevivência

1.1 Literatura afro-brasileira

O que faz uma literatura ser afro-brasileira? Esta vertente tem ganhado destaque na cena literária brasileira do século XXI, sobretudo pela maneira como tensiona o cânone tradicional e amplia os horizontes da representação identitária. Pode-se afirmar — segundo estudiosos como Eduardo de Assis Duarte — que existe um *corpus* literário que marca essa vertente, atravessado por uma subjetividade intensa, a qual articula temas como identidade, memória e pertencimento. No ensaio “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, Conceição Evaristo (2009) define esse *corpus* nos seguintes termos:

> Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. (Evaristo, 2009, p. 17)

Eduardo de Assis Duarte propõe cinco elementos principais que podem funcionar como critérios para a identificação da literatura afro-brasileira: **tema, autoria, ponto de vista, linguagem e público**. Tais elementos não operam de maneira isolada, mas articulam-se entre si, revelando a complexidade e a riqueza dessa produção literária.

Para Duarte, o **tema** é um dos aspectos centrais na construção dessa identidade literária. Obras como as de Conceição Evaristo, por exemplo, se enquadram nesse critério por abordarem questões ligadas à experiência negra, às desigualdades sociais, à ancestralidade africana, entre outros tópicos fundamentais à vivência afro-brasileira.

A **autoria** — explícita ou não no discurso, como adverte Duarte — também é um componente importante. A subjetividade de um autor ou autora negra, mesmo que a temática da obra não trate diretamente do racismo, imprime ao texto uma visão de mundo particular, moldada por experiências vividas. A escrita desses sujeitos, portanto, não nasce apenas da representação direta de

si mesmos, mas carrega suas marcas subjetivas, mesmo quando essas se expressam por meio de outras histórias, muitas vezes nas entrelinhas. É justamente nesse ponto que se insere o critério do **ponto de vista**:

> [...] a autoria há que estar conjugada intimamente ao ponto de vista. Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução textual de uma história própria ou coletiva. (Duarte, 2010, p. 127)

Sendo assim, para Duarte, autoria e ponto de vista devem estar alinhados, pois a forma como o texto literário é construído — seja por meio do narrador, dos personagens ou da estrutura — revela a perspectiva a partir da qual o mundo é representado. Assim, mesmo em textos cujo conteúdo não tematiza diretamente a questão racial, o olhar negro ainda pode ser percebido como um eixo estruturante da obra. Outro elemento importante é a **linguagem**. Para Duarte, ela é um dos fatores imprescindíveis para expressar a diferença entre as obras literárias tradicionais e as obras de literatura afro-brasileira. Ao romper com a norma culta tradicional, a literatura afro-brasileira frequentemente adota uma linguagem que valoriza a oralidade, a ancestralidade e os modos de expressão ligados à vivência afrodescendente. Essa escolha não é apenas estilística, mas profundamente política: trata-se de um gesto de resistência, que reafirma uma identidade historicamente marginalizada na cena literária brasileira e inscreve novos sentidos no campo da criação estética, rompendo, então, com os contratos de fala e escrita do branco:

> Nesse contexto, o discurso afrodescendente busca a “ruptura com os contratos de fala e escrita ditados pelo mundo branco”, objetivando a configuração de “uma nova ordem simbólica”, que expresse a “reversão de valores”, conforme analisa Zilá Bernd (1988, pp. 22; 85; 89). (Duarte, 2010, p. 131)

O último elemento, por fim, é o **público**. Todo leitor, ao se deparar com um texto literário, carrega consigo um horizonte de expectativas que orienta sua experiência de leitura. Sendo assim, a literatura afro-brasileira surge como resposta e também como provocação a esse horizonte, sobretudo no que diz

respeito ao leitor negro, que muitas vezes fazia leituras informadas pelo ponto de vista branco, incorporando preconceitos.

Durante muito tempo, as pessoas negras estiveram ausentes das narrativas tradicionais da literatura brasileira, e quando eram incluídas, suas representações se davam de forma estereotipada, objetificada, reforçando a sua marginalização. Um exemplo claro disso pode ser visto no romance *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, onde a personagem Rita Baiana é descrita a partir de um olhar erotizado e objetificante:

> Ela saltou em meio a roda, [...] numa sofreguidão de rodo carnal num requebrado luxurioso que a punha ofegante; [...]. [...] ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante. (Azevedo, 1973, p. 88 e 89)

Esse trecho revela como o corpo da mulher negra foi representado de forma erotizada e sexualizada, reforçando um imaginário colonial e racista. Tais construções narrativas não apenas reduzem a complexidade da mulher negra, mas também a posicionam como objeto de desejo exótico. Em contraposição, a literatura afro-brasileira contemporânea propõe novas formas de representação, nas quais o sujeito negro não é apenas representado, mas assume a voz narrativa. Essa literatura busca oferecer ao leitor negro um espaço de identificação, no qual ele possa se ver refletido, além de criar narrativas em que suas vivências possam ser valorizadas. Desconstróem-se estereótipos que, por muito tempo, marcaram de forma negativa a população negra brasileira – que, vale lembrar, é a maioria da população do país.

Apesar de um avanço considerável da valorização da literatura afro-brasileira, há quem questione a legitimidade desta vertente. Alguns críticos ainda debatem sobre a necessidade de estabelecer uma categoria à parte para essa produção. Para Evaristo, a dificuldade de aceitação e, muito mais, valorização de uma literatura que é tão única e poderosa, é mais que teórica e estética, é

política. Ao reafirmar sua identidade, essa literatura rompe com os ditames canônicos ligados às classes dominantes e à branquitude.

Sendo assim, de acordo com os cinco elementos que Eduardo de Assis enfatiza – tema, autoria, ponto de vista, linguagem e público –, fica evidente que uma literatura afro-brasileira não se constrói apenas por quem escreve e/ou tampouco por qualquer tipo de produção textual, mas também por como e para quem se escreve. Trata-se de uma escrita que nasce através de experiências e vivências racializadas, não apenas de si, mas também de um coletivo, propondo, assim, uma nova visão de mundo, por parte daqueles que por muito tempo foram silenciados. A dificuldade em reconhecer essa literatura como legítima, como destaca Conceição Evaristo, revela um problema mais profundo: a resistência à literatura afro-brasileira denuncia um desconforto com a presença de vozes negras em espaços de poder simbólico. Ao valorizar identidades marginalizadas, essa literatura não apenas reivindica um lugar no sistema literário – que por muito tempo foi negado historicamente –, mas o transforma. Reconhecê-la é ampliar nossa compreensão sobre a literatura brasileira.

1.2 Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida como Conceição Evaristo, nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo horizonte, em um contexto de vulnerabilidade social. Evaristo se tornou uma das vozes mais potentes da literatura negra contemporânea, mas antes disso, enfrentou desafios impostos a uma mulher negra em uma sociedade marcada pela desigualdade racial, social e de gênero. A autora relata que sua relação com a escrita não começou na escola, mas muito antes, dentro de casa, no convívio com a mãe e com sua ancestralidade:

> Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra

> lamacenta, rente as suas pernas abertas. (Evaristo, 2007, p. 16)

Esse relato mostra como, para Evaristo, o ato de escrever está extremamente ligado à oralidade e à memória – elementos que são fundamentais na cultura afro-brasileira – e, desde cedo, marcado por uma vivência coletiva e pela sabedoria ancestral das mulheres negras que a antecederam.

Sua trajetória no meio acadêmico é marcada por sua resistência e resiliência. A escritora começou a trabalhar ainda jovem, enquanto ainda concluía o ensino básico; aos 25 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A sua entrada em uma Universidade majoritariamente branca já se configura em um ato político, não apenas por ser uma mulher negra em um espaço elitista, mas pela forma como se articularia em seu curso, a partir daquele momento. Após concluir sua graduação, Evaristo deu continuidade aos estudos com um mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-RIO, logo após fazendo um doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), onde conseguiu desenvolver pesquisas relacionadas à Literatura Afro-brasileira e à representação de mulheres negras escritoras.

A construção de sua escrita é muito mais que apenas escrever, pois está extremamente marcada por experiências individuais e coletivas. Ela assume contornos teóricos e políticos com a formulação do conceito de *escrevivência*, termo criado pela própria escritora a fim de definir uma escrita advinda da vivência, da escuta e da observação do cotidiano de uma população negra que ainda sofre com as consequências deixadas pela época da escravidão. Mas, para Evaristo, *escrevivência* é mais que expressar suas experiências; é inserir na literatura histórias atravessadas pelas dores, pelos afetos, pela ancestralidade, incorporando e representando vozes que muitas vezes foram silenciadas:

> Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também

> sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. [...] Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana. (Evaristo, 2020, p. 30)

Sua escrita, portanto, ultrapassa o gesto de contar histórias; ela inaugura uma nova forma de presença na linguagem, ancorada nas realidades vividas por sujeitos negros. Além disso, a leitura e a escrita, desde muito cedo, ocuparam um papel essencial em sua trajetória — não apenas como ferramentas de conhecimento, mas como instrumentos de resistência subjetiva e afetiva. A autora relata que a literatura proporcionava a ela um duplo movimento:

> Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. (Evaristo, 2007, p. 20)

A *escrevivência* é um projeto literário que combina sonho e ação, denúncia e transformação, partindo da experiência negra para ressignificar o lugar do sujeito na linguagem e na sociedade. Mais do que um estilo narrativo, é uma forma de estar no mundo com consciência de sua própria trajetória e da coletividade.

A obra de Conceição Evaristo evidencia a sua importância, não somente no meio literário, mas para a sociedade em si. Além disso, destaca o impacto de sua escrita na constituição de uma literatura afro-brasileira engajada, que aborda experiências subjetivas e coletivas do povo negro. Como ressalta Maria Aparecida Andrade Salgueiro (2021), Evaristo tem ganhado destaque entre os autores e autoras negras, sendo considerada uma escritora cuja produção contribui significativamente para o fortalecimento de uma escrita marcada pela ancestralidade e pela resistência, além de trazer originalidade e inovação:

> A obra de Conceição Evaristo, especialmente pelo apresentar das escrevivências, é, sem dúvida, uma produção de grande valor, originalidade e inovação literárias, ao mesmo tempo, sempre em busca de características e raízes brasileiras, assim como, pela

> realidade tradutória, em ambiente de diásporas e fortes conexões transculturais. (Salgueiro, 2021, p. 106)

Além de conquistar o reconhecimento acadêmico, Evaristo conquistou e tem conquistado o público leitor de maneira marcante. De acordo com Constância Lima Duarte, suas obras têm caído no gosto de leitores e leitoras, independentemente de raça, idade e etnia. Duarte destaca que esse impacto se deve a sua capacidade de captar o presente com um olhar sensível e ao mesmo tempo crítico:

> É fato inegável que os livros de Conceição Evaristo caíram de forma definitiva no gosto de leitores, encantando tanto mulheres como homens, independente de idade, etnia, e até nacionalidade. Dentre as explicações possíveis, arrisco algumas. Como o fato de sua literatura ser profundamente contemporânea, apreender com perspicácia o seu tempo e ainda realizar contundentes reflexões, como se não fizesse parte dele. São livros que, depois que as pessoas leem, costumam dizer que mudaram suas vidas, pois falam de coisas que estavam abafadas e escondidas dentro de si. (Duarte, 2021, p. 135)

Essas reflexões apontam para uma literatura que vai além da denúncia, sendo escuta, transformação e acolhimento. Conceição Evaristo traz uma literatura que se fundamenta nas experiências negras e, principalmente, nas questões femininas. E, com isso, transforma o próprio sistema literário com sua linguagem ao propor novas formas de existir na sociedade.

Embora a produção literária de Conceição Evaristo esteja amplamente voltada à representação das experiências de mulheres negras — como se observa em *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da memória* (2006), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014) — algumas de suas obras já abordavam, de modo significativo, a presença e a vivência do homem negro. Contudo, é em *Canção para ninar menino grande* (2018) que essa temática se torna o eixo central da narrativa, permitindo à autora desenvolver de maneira mais aprofundada questões como a constituição da masculinidade negra, os

forma de resistência e expressão poética da experiência negra no Brasil. Com isso, *Escrevivência: a escrita de nós* se estabelece como um marco importante na crítica literária de Conceição Evaristo, promovendo um diálogo diversificado sobre sua obra e reforçando sua posição como uma das vozes mais influentes da literatura brasileira contemporânea. Isabella Rosado Nunes discorre sobre a obra de Conceição Evaristo e suas *escrevivências*, enfatizando a relevância dessa perspectiva na constituição de sua produção literária:

> Pesquisar e estudar a Escrevivência de Conceição Evaristo é urgente: compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem. Escreve o protagonismo das mulheres negras, colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. É ato de defesa de direitos, de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa. (Nunes, 2020, p. 15)

Além disso, os ensaios reunidos em *Escrevivência: a escrita de nós* desempenha um papel fundamental na consolidação do reconhecimento de Conceição Evaristo como uma intelectual cujas produções literárias articulam-se a um projeto de transformação social.

A representação da masculinidade negra na literatura brasileira contemporânea também é um tema que tem ganhado destaque nos últimos anos. Nesse contexto, a obra *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, se destaca como uma importante contribuição para a discussão sobre a formação da identidade masculina negra. Entretanto, embora existam pesquisas sobre o romance *Canção para ninar menino grande*, é relevante destacar que o número de pesquisas relacionadas a essa obra – de publicação relativamente recente – ainda é limitado, levando em consideração a vastidão de pesquisas sobre seus outros romances. Embora a obra já tenha sido analisada, ainda existem espaços para outras pesquisas serem realizadas.

afetos e as marcas do racismo. Ao colocar um personagem masculino no centro da trama, Evaristo amplia as possibilidades de sua escrevivência, oferecendo uma reflexão sensível e crítica sobre a complexidade do ser homem negro no Brasil contemporâneo. Ao tratar questões da subjetividade masculina, Evaristo reafirma seu compromisso com uma literatura que trata das experiências negras, independente de gênero, sem abandonar a densidade política e estética que marca toda a sua obra. Esse romance não apenas expandiu o campo temático de sua escrita, como abriu portas para novas pesquisas acadêmicas, trazendo reflexões que envolvem a masculinidade negra, tanto no mundo literário, como na sociedade brasileira.

Valorizar a literatura de Conceição Evaristo é também admitir a existência de um projeto de mundo no qual as palavras carregam as vivências de sujeitos por muito tempo apagados e, nesse gesto, reforça-se a urgência de uma escuta sensível, engajada e aberta à diversidade das experiências.

1.3 Fortuna crítica de Conceição Evaristo

Nos últimos anos, tem-se observado um crescente interesse pelo conceito de *escrevivência* desenvolvido pela escritora Conceição Evaristo (1995). Seus romances, contos e sua poesia têm sido objeto de estudos e análises significativos por uma parte de estudantes e pesquisadores da literatura brasileira e, consequentemente, sua fortuna crítica cresce de forma relevante.

Em *Escrevivência: a escrita de nós* (2020), organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, reúne-se uma coletânea de ensaios dedicados à obra de Conceição Evaristo, consolidando e expandindo sua fortuna crítica. O livro é composto por análises de pesquisadores a partir de diferentes áreas do conhecimento, contendo leituras críticas, afetivas e sensíveis de sua escrita. A coletânea apresenta textos de pesquisadoras como Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes, Eduardo de Assis Duarte (além de um texto da própria Evaristo), dentre outros.

A obra reúne ensaios que exploram questões centrais que atravessam a escrita de Conceição Evaristo, incluindo o conceito de *escrevivência*, a representação das mulheres negras e a construção de identidades periféricas. Ao analisar suas obras, a coletânea destaca a potência de sua escrita como

No ensaio *A criança, o maquinista e o homem: a questão da formação da masculinidade negra em Canção para ninar menino grande* de Conceição Evaristo de Wanderson Barbosa dos Santos (2024), o autor se aprofunda na formação da masculinidade de Fio Jasmim (personagem principal do romance), observando-a desde a sua infância. Quando ainda era criança, Fio foi preterido por sua professora ao não ser escolhido para fazer o papel de príncipe na encenação da história de Cinderela. A problemática em que o ensaio se aprofunda diz respeito à infância:

> Em uma sociedade que mobiliza seus sentidos por meio do racismo, a compreensão de si como um sujeito negro se dá por meio de um choque de racialidade. É na tensão com o padrão da branquitude que o sujeito se enxerga negro. O choque racial, em muitos casos, ocorre logo na infância, como retratado por Conceição Evaristo em *Canção para ninar menino grande*. (Santos, 2024, p. 181)

Ao longo do ensaio, Santos tenta responder às seguintes perguntas: “O que faz um sujeito? Como é moldada a sua identidade? Quais experiências grudam em sua subjetividade?” (Santos, 2024, p.187). Para ele, no que diz respeito a Fio Jasmim, a resposta para a última pergunta é exatamente o preconceito racial sofrido pelo personagem quando criança. O autor enfatiza que o ocorrido fere o protagonista, se transformando em uma marca “não-nomeada”, que ao longo da trama é envolta pelo silêncio; essa marca, pela perspectiva de Santos, foi um dos motivos pelos quais Fio se embrenhou no caminho da conquista de várias mulheres, pois, assim, ele reverteria a situação sofrida em sua infância.

O livro *Escrevivência: a escrita de nós* (2020), aborda o romance em questão, em um texto que se intitula *Canção para ninar menino grande: O homem na berlinda da escrevivência*, de Constância Lima Duarte. A autora reforça a ideia de que a masculinidade de Fio Jasmim tenha começado a se formar na infância, mas sob uma perspectiva diferente. Duarte se aprofunda no que o personagem pensa sobre ser viril, e destaca com quem aprendeu:

> Distante da figura do herói, Fio Jasmim representa as contradições do universo masculino, socializado desde a infância para aceitar pensamentos e ações sexistas. Com o pai e com outros mais velhos, ele aprende a ter orgulho de sua virilidade, tornando-se parte da engrenagem de dominação masculina, socialmente naturalizada através da reprodução incessante de valores e comportamentos. (Duarte, 2020, p. 138)

A autora dá ênfase às mulheres com as quais Fio Jasmim se relaciona, focando na *escrevivência* e na sororidade das mulheres que dão voz à história, argumentando que toda mulher, independentemente da raça, classe social e sexualidade, sofre com atitudes machistas como as do personagem.

Em *Amor e poder: relações complexas em Canção para ninar menino grande* de Conceição Evaristo, das autoras Driele Cristina de Souza, Flávia Santos de Araújo e Lívia Camilly de Lima (2024), propõe-se uma leitura crítica diferente das citadas anteriormente, focando nas relações do personagem principal. O artigo busca analisar como as mulheres do romance desconstroem as expectativas sociais que lhes são atribuídas, especialmente em suas relações com Fio Jasmim (cuja trajetória é contada sob a perspectiva de uma narradora-personagem feminina), dando destaque a apenas três mulheres com quem Fio Jasmim se relaciona; além disso, o artigo sugere que, ao menos em um primeiro momento, Fio Jasmim se sobressai nas relações afetivas, exercendo certa ascendência sobre as mulheres com quem se envolve.

> Como protagonista, Fio Jasmim também se destaca, ao menos em um primeiro momento, como uma figura que centraliza o poder de controle nessas relações afetivas. (Souza; Araújo; Lima, 2024, p. 64)

Dessa forma, a fortuna crítica reunida em torno da obra de Conceição Evaristo, especialmente no que se refere ao romance *Canção para ninar menino grande*, não apenas demonstra a relevância da autora no cenário literário

contemporâneo, mas também oferece importantes subsídios para a análise proposta neste trabalho, ao iluminar as múltiplas camadas de sentido presentes na representação da masculinidade negra e nas complexas relações afetivas retratadas pela autora.

1.4 Masculinidade negra

A masculinidade negra é moldada por uma complexa interseção de fatores históricos e sociais que a distinguem significativamente da construção dominante do "ser homem" em sociedades influenciadas pelos resquícios da escravidão. Ao longo da história, o homem negro foi frequentemente representado por meio de estereótipos de violência, hipersexualização e subalternidade. Isso levou a uma invisibilização das suas subjetividades, fragilidades e emoções, reduzindo a riqueza e a diversidade de suas experiências. Essa construção social impacta profundamente a forma como os homens negros são percebidos e como eles mesmos se percebem, influenciando suas relações e interações na sociedade.

A construção social da masculinidade negra no Ocidente está profundamente enraizada em estereótipos herdados do racismo colonial e da lógica patriarcal. Em seu livro *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*, bell hooks (2022) analisa a sociedade dos Estados Unidos, destacando como a construção da masculinidade negra nesse país está profundamente marcada pelas consequências do sistema escravocrata. É possível estabelecer um paralelo entre essa realidade e a brasileira, visto que ambos os países compartilham um histórico de escravidão que ainda influencia as relações sociais, raciais e de gênero na contemporaneidade:

> Vistos como animais, brutos, estupradores por natureza e assassinos, os homens negros não têm sua voz ouvida de verdade no que diz respeito à forma como são representados. Eles interferiram pouco no estereótipo. Como consequência, são vitimados por estigmatizações que foram articuladas no século XIX, mas que dominam a mente e o imaginário dos cidadãos desta nação até hoje. Raros são os homens negros que recusam tal categorização, pois o preço da visibilidade no mundo

> contemporâneo da supremacia branca é que a identidade masculina negra seja definida em relação ao estereótipo, seja incorporando-o, seja buscando outro. No centro do modo como a personalidade masculina negra é construída no patriarcado capitalista supremacista branco está a imagem do indomável, incivilizado, irracional e insensível. (bell hooks, 2022, p. 37)

A autora observa que, mesmo com o passar do tempo, esses estereótipos se perpetuam no imaginário da sociedade, pois a identidade negra continua sendo vista pelo olhar supremacista branco. Nesse contexto, o homem negro é muitas vezes construído como o “irracional e insensível”, apagando-se suas dimensões subjetivas, emocionais e afetivas.

Em seu livro, também, bell hooks analisa a situação dos homens negros recém-libertos após séculos de escravidão, mostrando como foram civilizados sob uma lógica imposta pelos homens brancos, que os "ensinavam" a buscar a liberdade a partir da imitação dos papéis da supremacia branca. Assim, muitos passaram a acreditar que deveriam se tornar patriarcas benevolentes — figuras responsáveis por prover e proteger, mas sem recorrer à violência. No entanto, como a autora observa, o modelo que predominou entre grande parte desses homens foi o do patriarca dominador, moldado pelos próprios senhores de escravos. Em vez de romper com o ciclo de opressão, muitos acabaram reproduzindo as violências que sofreram, internalizando práticas de controle como forma de afirmar sua masculinidade em uma sociedade que ainda os via como subalternos. Essa masculinidade forjada na dor e na violência silencia emoções, nega afetos e reforça estigmas que persistem até hoje, limitando a experiência subjetiva dos homens negros e impactando diretamente suas relações interpessoais.

Ainda em *A gente é da hora*, bell hooks destaca a figura de Muhammad Ali como símbolo de uma masculinidade negra que rompe com os padrões patriarcais tradicionais:

> Muhammad Ali recusou-se a aparecer como o homem primitivo estadunidense ideal; ele ridicularizou a masculinidade patriarcal, expondo-a como algo que

> não passava de pose e atitude vazias. Se os padrões patriarcais da masculinidade valorizavam o silêncio e a falta de emoção, Ali tinha a audácia de falar em voz alta, de ser ousado e barulhento e expressar suas emoções, incorporando alegria, rindo, permitindo-se ficar triste, sentir dor e expressar mágoa. Fotografias capturam Ali sorrindo, abraçando outros homens negros, ousando estar fisicamente próximo deles. (bell hooks, 2022, p. 73)

Ao externalizar sentimentos que o patriarcado exige que sejam reprimidos, Ali abriu espaço para a existência de um "menino interior", sensível, amoroso e humano. Sua postura ousada e autêntica revelou que a masculinidade pode ser construída também a partir da liberdade emocional, da alegria e da generosidade, oferecendo uma alternativa radical aos modelos violentos e repressivos de masculinidade. Essa reflexão de hooks aponta para a urgência de reinventar a forma como olhamos para os homens negros, valorizando experiências afetivas e subjetividades que historicamente foram negadas ou silenciadas.

Diante das discussões apresentadas, é possível perceber que a construção da masculinidade negra carrega marcas profundas de uma história de opressão, exclusão e silenciamento. Essa construção foi moldada dentro de um sistema dominado por valores do mundo branco, no qual os homens negros foram historicamente estereotipados e, em muitos casos, levados a adotar modelos de masculinidade baseados no padrão branco e patriarcal. Com isso, enfrentaram diversos obstáculos para afirmar suas identidades a partir de seus próprios afetos, subjetividades e expressões de vulnerabilidade. No entanto, como apontam autoras como bell hooks, há um movimento crescente que propõe outras formas de viver a masculinidade, rompendo com os modelos violentos e hegemônicos, e abrindo espaço para um homem negro sensível, afetivo e consciente de seu lugar no mundo. A figura de Muhammad Ali, por exemplo, é recuperada por hooks como um modelo de resistência não apenas política, mas afetiva, pois ele ousou rir, chorar e demonstrar sensibilidade em um mundo que esperava dos homens negros apenas brutalidade ou silêncio.

A produção literária afro-brasileira contemporânea, ao tratar desses aspectos, rompe com estereótipos fixos atribuídos ao homem negro, oferecendo novos caminhos para representá-lo de maneira mais plural e sensível. É nesse

contexto que *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, ganha destaque: a autora, que tradicionalmente se volta para as vivências das mulheres negras, propõe, nesse romance, uma mudança de direção ao colocar no centro da narrativa um homem negro. Esse personagem é atravessado por sentimentos, memórias e dores, e sua trajetória permite pensar outras possibilidades de masculinidade. Ao fazer isso, Evaristo amplia o alcance de sua *escrevivência* e oferece uma contribuição valiosa para o debate sobre a masculinidade negra, que será explorada no próximo capítulo.

2 Análise literária: entre narrativa, memória e afeto

2.1 *Canção para ninar menino grande*

Publicado pela primeira vez em 2018, *Canção para ninar menino grande* é o romance mais recente de Conceição Evaristo. Em entrevista, a autora revelou que a narrativa precisava ser aprofundada com acréscimos de vozes de algumas personagens; por isso, o livro foi republicado em 2022 com essas complementações. Além disso, diferentemente de seus romances anteriores, que dão maior ênfase às experiências femininas negras, neste livro Evaristo constrói a narrativa a partir das singularidades de um homem negro. Trata-se, então, de uma obra que mantém a escrita afetiva da autora — sua escrevivência —, mas que se aventura a explorar a subjetividade masculina em suas contradições, fragilidades e afetos.

O título *Canção para ninar menino grande* já introduz uma camada simbólica à obra. A escolha da expressão “menino grande” sugere um sujeito que, embora tenha alcançado a maioridade, carrega traços emocionais e afetivos não amadurecidos. Trata-se de um homem que não cresceu plenamente — não no sentido físico, mas no que diz respeito às emoções, responsabilidades afetivas e à elaboração das próprias dores. O verbo “ninar”, associado geralmente ao cuidado materno ou feminino, aponta para uma tentativa de acalmar, acolher ou até redimir esse homem ferido. Sendo assim, ao mesmo tempo em que o romance evidencia as falhas de Fio Jasmim em suas relações com as mulheres, o título já anuncia que suas atitudes são atravessadas por questões profundas de identidade e subjetividade, marcadas por memórias dolorosas e silêncios.

No romance, a personagem Juventina — uma das mulheres com quem Fio Jasmim teve uma relação amorosa — é quem compõe e canta a “Canção para ninar menino grande”. Esse momento é apresentado como uma surpresa para Fio, em que a canção é entoada de forma suave, mais por murmúrios e vocalizações do que por palavras claras:

> Quando chegou de repente, anunciando que passaria a noite com ela, Tina sorriu feliz, dizendo que tinha uma surpresa, feita por ela, para ele. Depois do saudoso amor vivido, em que o corpo de Tina ainda

> se encontrava úmido, por ter sido banhada pelo hálito quente de Fio Jasmim, ela deu a surpresa para ele. Entoou uma belíssima canção, feita mais de vocalização e murmúrios do que de palavras. Ela cantou a “A canção para ninar menino grande". (Evaristo, 2022, p. 113)

O romance é estruturado por capítulos que acompanham a trajetória de Fio Jasmim, um homem negro, a partir de suas relações com diversas mulheres, em diferentes cidades, trazendo à narrativa uma forma fragmentada, semelhante a um mosaico. O enredo não segue uma ordem cronológica linear, mas alterna momentos em que diferentes experiências femininas são lembradas, compondo uma multiplicidade de olhares sobre o protagonista, que são sempre filtrados pela voz única da narradora. *Canção para ninar menino grande* apresenta, assim, uma estrutura centrada em uma única narradora, que reconstrói a trajetória de Fio por meio das memórias e vivências de outras mulheres com quem ele se envolveu. A partir dessa escuta atenta, a narradora compõe um mosaico afetivo e crítico da masculinidade negra. É por meio da sua voz que o leitor percorre os fragmentos da memória e dos afetos do protagonista. A narrativa rompe, portanto, com os modelos tradicionais, lineares e masculinos de contar histórias, ao mesmo tempo em que valoriza a escuta, a memória e a oralidade como formas de resistência.

A obra é fundamentada na poética da escrevivência, ao articular realidade e ficção com base em experiências vividas por sujeitos negros. No caso específico de *Canção para ninar menino grande*, essa escrita se volta à construção da masculinidade negra, ao mesmo tempo em que valoriza as memórias e afetos das mulheres. O livro também incorpora elementos de metalinguagem, à medida em que a narradora explicita sua posição como escritora, consciente do gesto de narrar como um ato político e de responsabilidade ética diante da memória alheia. Essa consciência da narradora sobre o gesto de narrar se manifesta logo nas primeiras páginas do livro, quando ela comenta sobre os vazios da narrativa anterior e a necessidade de retornar às personagens para preencher as lacunas da história:

> Vi vazios no relato. Como me esforço para ser fiel ao que me contam, mesmo sabendo da impossibilidade de cumprir tal propósito, tentei rearrumar os fatos que narrei. Perguntei a Tina sobre os pedaços faltantes. Ela afirmou que o descuido havia sido de minha atenção, do meu cuidado em compreender todos os momentos da história. Calei-me e ela me contou as partes que faltavam. Somente hoje trago, para vocês, as porções ausentes no tecido da história contada anteriormente. (Evaristo, 2022, p. 7)

Assim, *Canção para ninar menino grande* reafirma a singularidade da escrita de Evaristo.

Além disso, o romance se destaca por abordar temas como racismo, masculinidade, machismo e relações afetivas, sem abrir mão da escrita poética da autora. Ao escolher uma narradora mulher para contar a história de um homem, Evaristo crítica o modelo tradicional de masculinidade e apresenta uma perspectiva alternativa, que reinterpreta o lugar social masculino a partir da visão das mulheres — no caso, das mulheres que foram atravessadas pelas ações e omissões de Fio Jasmim.

Sendo assim, o protagonista funciona como um fio condutor que liga essas mulheres, não apenas por ter se relacionado com elas, mas por ser o ponto comum em torno do qual giram suas histórias. A narradora, ao escutar e recontar essas vivências, transforma a memória coletiva em registros. Essa escuta ativa e sensível permite que a narrativa vá além das experiências femininas, abrindo espaço para explorar também a interioridade do homem negro e suas contradições afetivas.

Nesse sentido, o romance amplia os contornos da *escrevivência*, ao incluir, de forma sensível e crítica, o universo masculino negro como também carregado de feridas e de subjetividades silenciadas. Conceição Evaristo, ao escrever sobre Fio Jasmim, revela que as dores de um homem negro não estão apenas nas violências externas, mas também nas emoções reprimidas e nas dificuldades de estabelecer vínculos genuínos.

Assim, a narrativa propõe uma reinvenção possível dessa masculinidade ao apresentar Fio Jasmim não como um herói ou um vilão, mas como um homem negro atravessado por silêncios, dores e aprendizados, revelando aos poucos

que Fio não é imune às dores que carrega. Além disso, esses aspectos subjetivos contrariam o modelo tradicional de masculinidade pautado na força, no silêncio e na dominação. Nessa obra, o afeto, entendido não apenas como sentimento, mas como abertura ao outro e à vulnerabilidade, se torna uma forma de resistência, pois em um mundo que ensina homens, especialmente homens negros, a não chorar, não mostrar fragilidade e viver a masculinidade apenas pela virilidade, sentir, acolher e se abrir emocionalmente já é uma maneira de quebrar as ideias e expectativas que sustentam o machismo e o racismo, pois rompe com o padrão de insensibilidade ensinado a ele desde a infância. O amadurecimento emocional de Fio, ainda que tardio, acontece principalmente a partir dos encontros com mulheres que o escutam e o acolhem, especialmente Eleonora, momento em que ele permite expressar sua fragilidade. Como revela a narradora:

> Foi preciso o encontro com Eleonora Distinta de Sá, foi preciso a amizade com ela, para que Fio compreendesse que a vida não se resumia no encaixe do entremeio de pernas de um macho com o entremeio de pernas de uma fêmea. Fio entendeu que, para esvaziar um pouco o vazio que ele trazia de nascença no peito, era preciso bem mais. Era preciso encontros. (Evaristo, 2022, p. 122)

2.2 A narradora

Em *Canção para ninar menino grande*, Conceição Evaristo constrói uma narradora singular, cuja função ultrapassa a de uma simples contadora de histórias. Ela narra em primeira pessoa – o que é percebido em alguns trechos – e se apresenta como uma mulher de escuta atenta, que recolhe, organiza e registra as memórias das mulheres que passaram pela trajetória de Fio Jasmim. Antes de começar a história, a narradora diz o seguinte:

> Não descanso, não durmo, não fecho os olhos, não me distraio. Vigio tanto que nem sei se oro. Capto como testemunha ocular ou como ouvinte a dinâmica de vidas que se confundem com a minha, por algum motivo. Fui uma das mulheres de Fio Jasmim; em alguma circunstância, pode ser. Fio Jasmim pode também encarnar a figura de um pai que me escapou

> como afeto. Não, o moço não me é estranho, como todas as mulheres que estiveram com ele também não. Eis o motivo da minha preocupação em escutar todas. São muitas, plurais e diversas as vozes que me provocam a escrevivência. (Evaristo, 2022, p. 9)

A narradora não apenas narra os acontecimentos, mas realiza um trabalho de reconstrução afetiva e crítica dessas experiências, mediando-as através de sua própria sensibilidade e posicionamento ético. Com isso, a narrativa se estrutura não a partir de uma perspectiva masculina, mas pela escuta feminina. Cria-se então, uma escuta de sororidade, em que a narradora não apenas ouve, mas acolhe as memórias com empatia, reconhecendo as dores e afetos compartilhados entre as personagens femininas:

> Todas nós estamos sós, mas a nossa confraria não nos deixa sentirmos sozinhas. Somos e estamos umas com as outras. E, quando o vazio no peito nos atormenta, não nos entregamos ao desespero, compartilhamos a dor ancestral que existe em cada uma de nós. (Evaristo, 2022, p. 131)

Ao longo do enredo de *Canção para ninar menino grande*, o personagem Fio Jasmim não é apresentado por sua própria voz, mas através dos relatos das mulheres que cruzaram seu caminho. Dentre elas, três se destacam: Pérola Maria, sua esposa (apesar de não ser uma das fontes da narradora); Juventina, a amante com quem manteve uma relação duradoura; e Eleonora Distinta de Sá, a única mulher com quem Fio construiu uma verdadeira amizade, sem envolvimento sexual. Por meio dessas três personagens, o leitor tem acesso à trajetória do protagonista e compreende os efeitos de sua masculinidade nas vidas que atravessou, assim como os caminhos que o conduziram ao início de sua transformação no desfecho do romance.

Apresenta-se uma narradora-autora, assumindo explicitamente o gesto de escrever a história que escuta, revelando consciência sobre o ato narrativo. Sua função é semelhante à de uma memorialista que constrói sentido a partir de fragmentos, vozes e lembranças alheias:

> Contudo, a escrita me deixa em profundo estado de desesperação, pois a letra não agarra tudo o que o corpo diz. Na escrita faltam os gestos, os olhares, a boca entreaberta de onde vazam ruídos e não palavras. No registro da letra também faltam o tremor do choro e o rasgo do riso. A fala suspensa foge da escrita. E mais, a grafia não registra a intensidade de um silêncio intervalar, diante de um renovado estado de estupor, vivido na hora das relembranças. Se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude, pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória, imaginem escrever. Imaginem perseguir uma escrevivência. Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimentos. Mas persisto nessa intenção. (Evaristo, 2022, p. 9)

A narradora transforma os testemunhos individuais em um registro coletivo, conferindo-lhes valor estético, político e existencial. Ao dar voz a essas mulheres, a narradora devolve-lhes o direito de fala, revelando que suas histórias – e como um homem pode atravessar as suas subjetividades lhes causando dores – são dignas de serem contadas e ouvidas. Essa mediação da experiência por meio da palavra evidencia o papel da narradora como ponte entre as vivências e o leitor.

Vale ressaltar que as personagens Juventina e Eleonora Distinta de Sá se destacam como as principais fontes da narradora, cujas memórias são fundamentais. Juventina (Tina) é a amante com quem Fio mantém uma relação mais duradoura durante o romance, o que a torna uma personagem com maior destaque no desenvolvimento do enredo. Já Eleonora é a única mulher com quem o protagonista realmente cria uma amizade, sem interesses sexuais. Diferente das outras relações, essa é marcada pela escuta e pelo acolhimento, o que contribui para que Fio reflita sobre sua dor e a dos outros. No final do romance, a narradora fala sobre as duas como suas fontes:

> De Fio Jasmim quem nos trouxe as últimas notícias foi Eleonora Distinta de Sá, semelhante nossa, pertencente, mais tarde, à confraria de mulheres. Ela nos trouxe uma face encoberta de Fio Jasmim, que talvez nem ele mesmo soubesse ser possuidor. (Evaristo, 2022, p.129)

> Busquei escrever a história que Tina me contou. Não é só a história dela, mas das várias mulheres que, direta ou indiretamente, tiveram os caminhos cruzados com os de Tina. Tentei captar tudo o que Juventina me narrou para escrever depois. (Evaristo, 2022, p. 133)

Uma leitura desatenta pode levar o leitor a confundir a narradora com a própria Conceição Evaristo, especialmente considerando o fato de que a autora republicou a obra em 2022 com acréscimos, conforme declarou em entrevista. No início do livro, a própria narradora comenta sobre os “vazios” presentes na narrativa anterior e justifica a nova versão como uma tentativa de completar essas lacunas. Nota-se como a narradora assume a responsabilidade de revisitar e complementar a história por meio de sua escuta. Além disso, ela explicita sua relação com a escrita como um gesto de escrevivência, uma das bases da poética de Evaristo. Ainda assim, é fundamental que o leitor mantenha o discernimento entre autora e narradora, compreendendo que, apesar das aproximações, trata-se de uma voz ficcional construída para mediar a narrativa.

Dessa forma, a escolha de Evaristo por essa narradora não é apenas um recurso literário, mas um gesto político, pois rompe com uma tradição patriarcal de que só os homens podem falar de si mesmos e de suas ações. Ao colocar uma mulher no centro da narração, que se propõe a ouvir, compreender e escrever as histórias de outras, a autora reafirma sua concepção de escrevivência como prática de resistência, memória e escuta. A narradora transforma os relatos dispersos em narrativa, os afetos em linguagem, os silêncios em testemunhos. É por meio dela que o leitor acessa não apenas a trajetória de Fio Jasmim, mas, sobretudo, a complexidade das relações de gênero, da masculinidade negra e da sororidade compartilhada entre as mulheres que, mesmo atravessadas pela dor, encontram na palavra um lugar de reconstrução simbólica.

2.3 Fio Jasmim

O personagem central de *Canção para ninar menino grande* é Fio Jasmim, um homem negro de presença marcante e sedutora. No início do romance,

quando ainda é jovem, ele é apresentado como aprendiz de maquinista, habilidade herdada do pai, o que o leva a viajar constantemente por diferentes cidades do Brasil:

> Aprendiz de maquinista, habilidade também herdada de Máximo Jasmim, Fio, desde o seu tempo de rapazinho, foi contratado pela empresa em que seu pai trabalhava antes. E, em uma rede ferroviária, Fio varava o coração do Brasil em caminhos de ferro. (Evaristo, 2022, p. 93-94)

No entanto, por onde passa, Fio deixa para trás um rastro de relações afetivas mal resolvidas, permeadas por silêncios, desencontros e uma incapacidade recorrente de estabelecer vínculos. É uma atitude que também aprendeu com o pai:

> Ancorar seu corpo nos corpos de diversas mulheres tinha sido uma lição que aprendera com o próprio pai. Filho de Máximo Jasmim, um homem de pequeno porte, aparentemente tímido e que tinha uma prole de dezessete filhos espalhados pelo interior de Minas Gerais afora. Fio, um dos mais novos rebentos de Máximo, fora concebido em uma menina de quinze anos, quando o homem já beirava os seus quase sessenta. Fio cresceu ouvindo as proezas do pai. Aprendera com ele que ser homem era ter várias mulheres. E o mais certo era escolher, dentre elas, uma mais certa ainda para o casamento. Cedo, Fio Jasmim começou a buscar avidamente por mulheres, como se o nosso corpo não tivesse outra função, a não ser a de ancoradouro para os homens. (Evaristo, 2022, p. 93)

A citação mostra como a masculinidade de Fio é construída desde a infância, sempre seguindo os exemplos do pai, Máximo Jasmim, um homem que, aparentemente comum, tem evidenciada, pela quantidade de filhos espalhados, a marca da virilidade. Além disso, a passagem mostra como o “ser homem” é ensinado a Fio, estando diretamente relacionado à objetificação da mulher. A narradora “denuncia” esse modelo quando diz “nosso corpo”, se colocando na narrativa e reconhecendo o peso de uma masculinidade construída através da busca pelos corpos femininos. Este trecho é importante para mostrar que Fio,

assim como outros homens, não nasce naturalmente com esse pensamento, mas que lhe é ensinado, sendo essa masculinidade “tóxica” construída desde a infância.

Além disso, o protagonista tem uma visão distorcida sobre virilidade. A concepção de masculinidade assumida por ele é construída desde cedo pelo pai, Máximo Jasmim, e constantemente reforçada pelos maquinistas mais velhos com quem ele trabalhava. Para Fio Jasmim, ser homem significava ser livre, indomável e desejado por várias mulheres:

> Ele gostava da liberdade daqueles que se diziam e que se portavam como livres. Com o pai, Máximo Jasmim, ele repetia que o homem, o macho, nada tinha a perder. Os maquinistas, homens mais velhos, tendo idade inclusive para serem pais do moço, parabenizavam o gosto do rapaz por mulheres. Diziam que o jovem ajudante de maquinista trazia em si algo rijo, inquebrantável como os ferros do trem de ferro. E gargalhavam até se contorcerem com as piadinhas insossas que criavam, cuja base provocadora do riso era sempre o duro ferro dos homens a açoitar as mulheres. (Evaristo, 2022, p. 20)

Essa visão é reforçada socialmente por outros homens, que o incentivam a ver o sexo como instrumento de afirmação e controle. Os elogios ao seu “gosto por mulheres” e as piadas grosseiras que associam o corpo masculino à rigidez do ferro do trem revelam um pensamento de virilidade atrelado à força, à dureza e à dominação sexual. Com isso, Fio reproduz um modelo de masculinidade tóxica, em que a afetividade é anulada e o ser homem se reafirma pela objetificação das mulheres. Nesse sentido, Duarte (2020, p. 138) observa que “Fio Jasmim representa as contradições do universo masculino, socializado desde a infância para aceitar pensamentos e ações sexistas.”

O protagonista é casado com Pérola Maria desde os seus vinte anos, com quem teve oito filhos, estando à espera do nono. Apesar disso, Fio Jasmim mantém uma vida marcada por ausências e traições. Mesmo tendo uma família numerosa, ele estabelece relações amorosas paralelas em diversas cidades por onde passa, deixando para trás não apenas lembranças, mas também filhos, como revela o trecho a seguir, em que ele se relaciona com Dalva, uma de suas conquistas, e a engravida:

> Ele também não percebeu a barriga de três meses, que timidamente apontava no corpo de Dalva, quando se reencontraram na cidade de Dois Laços. Era o segundo filho de Jasmim em Dalva Amorato. O terceiro filho, Dalva não comentou, nem deu a Jasmim a oportunidade de vê-la grávida. (Evaristo, 2022, p. 87)

Sua trajetória é atravessada por escolhas que revelam uma constante fuga das responsabilidades afetivas, o que evidencia um padrão de comportamento ligado à tentativa de reafirmação de sua masculinidade através da conquista e do distanciamento emocional.

A relação de Fio Jasmim com sua esposa, Pérola Maria, é marcada por uma lógica que pode ser vista como algo incongruente, baseada na certeza do amor que ela nutre por ele. Ao mesmo tempo em que se ausenta e se envolve com outras mulheres, Fio deposita uma confiança absoluta na constância do amor da esposa. Ele tem a convicção de que, mesmo após suas ausências e traições, Pérola estará sempre ali, esperando por ele:

> Fio Jasmim tinha indubitável certeza do amor de Pérola Maria. Ele afirmava o sentimento que a esposa nutria por ele aos quatro ventos. Tinha tanta certeza que, quando partia para novas conquistas, nenhum esforço fazia em busca de bons resultados. Caso não conseguisse, pensava Fio Jasmim, Pérola estaria em casa, sempre aguardando por ele. Para Fio, Pérola não oferecia enganos (Evaristo, 2022, p. 93)

Essa segurança afetiva que Fio deposita em Pérola revela uma postura naturalizada de domínio emocional, em que a fidelidade e a espera da mulher são tomadas como garantidas. Pérola é percebida não como sujeito de desejo ou escolha, mas como uma presença fixa e silenciosa, pronta a acolher o retorno do marido, independentemente de suas aventuras. Tal postura evidencia como o personagem reproduz padrões patriarcais de afeto, nos quais a figura masculina se sente autorizada a transitar por outras experiências enquanto espera da mulher fidelidade e permanência. A representação dessa relação, portanto, não apenas expõe o machismo internalizado por Fio, mas também

convida o leitor a refletir sobre os efeitos dessa estrutura nas mulheres que orbitam ao redor do protagonista.

No início do romance, a narradora revela que a voz de Pérola nunca foi diretamente ouvida. Sendo assim, sua subjetividade permanece silenciada na maior parte da narrativa, como demonstra a própria narradora:

> Fio Jasmim estava com quarenta e quatro anos e, desde os vinte, elegera Pérola Maria como sua esposa em cerimônia religiosa e civil. Viviam bem, segundo as palavras dele. A fala de Pérola, nem eu, nem Tina alcançamos. Não sei se alguma amiga do nosso círculo foi confidente dela. (Evaristo, 2022, p. 15)

Esse trecho revela como Pérola é retratada através das perspectivas dos outros. A afirmação de Fio de que eles “viviam bem” mostra que talvez ele não saiba, de fato, como ela se sente ou pensa.

A narrativa não nega seu sofrimento, mas o esconde em um silêncio, que revela mais um rastro da estrutura patriarcal que sustenta a masculinidade de Fio:

> Nenhuma dessas relações Jasmim desmentia, mas também explicitamente não confirmava. Abraçava a mulher, dizia ser ela a pérola e as outras pedras brutas sem qualquer brilho. Cuidadoso, bebia e lambia as poucas lágrimas que a mulher vertia nas horas em que a infidelidade do marido lhe doía. (Evaristo, 2022, p. 16)

Essa citação aprofunda a compreensão da relação entre Pérola Maria e Fio Jasmim, pois revela como o protagonista lidava com suas traições dentro do casamento. Ao mesmo tempo em que não negava, mas também não confirmava explicitamente suas infidelidades, Fio utilizava gestos de afeto e palavras de valorização, chamando a esposa de "pérola" e comparando as outras mulheres a "pedras brutas" para amenizar o impacto de suas ações. A imagem dele “bebendo e lambendo” as lágrimas de Pérola é especialmente significativa, pois ao mesmo tempo que mostra intimidade e proximidade física, também reforça o

ciclo de dor e reconciliação que mantinha Pérola “presa” à relação, mesmo diante das recorrentes traições.

O sentimento da esposa, embora pouco revelado diretamente na narrativa, pode ser percebido nas entrelinhas dessa cena e de outras. Suas lágrimas mostram que ela sentia dor e tristeza diante das traições de Fio Jasmim, mas também revelam uma aceitação silenciosa dessa situação. A ausência da sua voz na narrativa reforça a ideia de que seus sentimentos eram contidos ou invisibilizados, como se o sofrimento fizesse parte natural do papel que lhe cabia como esposa. O fato de aceitar o consolo oferecido por Fio, mesmo após ser ferida por ele, indica um misto de amor, resignação e, possivelmente, dependência afetiva e social, especialmente no contexto de uma mulher com muitos filhos. Assim, Pérola carrega uma dor íntima que nunca é totalmente dita, mas que se torna presente justamente pelo silêncio que a envolve. É nesse contexto que a narradora descreve a maneira como Pérola lidava com as infidelidades de Fio Jasmim:

> Algumas outras relações que Fio Jasmim tivera antes do casamento, e mesmo depois, dizem, não caíram nos ouvidos e, muito menos, na crença de Pérola Maria, mesmo quando as provas, os fatos, os filhos do homem dela lhes eram apresentados ou chegavam ao seu conhecimento. Pérola ignorava ou, quando muito, caía em um choro tão profundo, mas só de lagrimas, que quase causava um remorso em Fio. Daí uns meses, ela engravidava, quase sempre. (Evaristo, 2022, p.16)

Ela lidava com as traições do marido com silêncio, negação ou lágrimas. Mesmo diante de provas concretas, como os filhos que ele teve fora do casamento, ela optava por ignorar ou, no máximo, expressar sua dor em um choro silencioso, sem confrontá-lo. Essa postura, além de revelar um sofrimento íntimo e contido, evidencia também um ciclo repetitivo na relação. Após algum tempo da descoberta da traição, ela engravidava novamente, como se a maternidade fosse uma forma de reafirmar seu lugar ao lado de Fio.

Diferente de Pérola, Juventina pode ser vista como a mulher que mais tem voz na narrativa. Como amante principal do protagonista, foi ela quem forneceu grande parte das histórias que a narradora registra. A partir das experiências

vividas com Fio, Juventina passa a refletir sobre as diferentes formas como as mulheres amam. Ela manifesta o desejo de conversar com outras mulheres e ouvir suas histórias amorosas para compreender melhor esses modos variados de amar. Esse esforço de reunir e entrelaçar vivências, revelam uma busca coletiva por sentido e reconhecimento afetivo, construindo um espaço de valorização das experiências femininas no amor.

Quando conheceu Fio Jasmim, Tina tinha apenas dezessete anos, enquanto ele já contava trinta e três. Sua mãe sempre a advertia de que homem era “o bicho mais perigoso” (Evaristo, p. 89) e que, no fundo, não passavam de meninos grandes. Juventina cresceu sem a presença de uma figura masculina em sua vida, e o primeiro homem com quem se envolveu foi justamente Fio Jasmim, vizinho de uma prima-irmã dela.

A ligação entre Fio e Juventina se destacou entre as outras relações do protagonista. Embora não houvesse casamento ou exclusividade, Tina permaneceu ao seu lado por anos, ocupando um lugar singular em sua trajetória. Durante todo o tempo juntos, Fio mantinha um limite físico por conta da virgindade dela, algo que Juventina nunca percebeu fazer parte de um jogo que ele havia decidido jogar. Com cada mulher que ele teve, Fio escolhia formas diferentes de se relacionar. Para ele, cada mulher era um caminho, e cabia a ele encontrar o jeito certo de atravessá-lo:

> Fio gostava dela e se privava do encanto-gozo, momento em que o corpo do homem preenche o úmido vácuo do corpo da mulher, tudo pela condição de virgindade dela. Tina Maria jamais percebeu que tudo era um jogo que ele escolhera jogar. De tantas mulheres que o homem tinha, podia escolher formas diferenciadas de possuí-las. Cada mulher podia ser um caminho; ele, enquanto homem, pensava que lhe cabia encontrar os passos exatos para atravessá-la. (Evaristo, 2022, p. 97)

Juventina parece ter vivido um amor solitário, construindo sozinha seus sentimentos por Fio Jasmim. Amou de forma intensa e exclusiva, mas nunca recebeu dele o mesmo afeto. O cuidado que Fio tinha com sua virgindade não passava de um jogo; não consumar a relação era parte de uma estratégia, pois,

ao voltar para casa, encontrava Pérola Maria, que o recebia em busca de intimidade. Ainda assim, por quase vinte anos, o amor de Juventina por Fio cresceu continuamente, mesmo quando já não havia motivos ou a presença dele para sustentá-lo:

> Durante quase duas décadas, o amor dela por Fio se afirmou sempre em tom crescente, mesmo quando não havia mais motivo, nem mais a presença dele para amá-lo tanto. Foi um sentimento que se deu de tal forma que Juventina amaria todas as mulheres de Fio Jasmim, se essa fosse uma condição para continuar sendo dele. (Evaristo, 2022, p. 106)

Esse vínculo mostra como Fio exercia controle sobre suas relações, moldando-as segundo seu próprio desejo. Com Tina, o "jogo" alimentava sua sensação de poder, reforçando um modelo de masculinidade em que a mulher é tratada como um território a ser explorado e não como parceira. Essa dinâmica se prolongou por trinta e cinco anos, até que Tina decidiu romper o ciclo e avisou a Fio que deixaria a cidade.

A masculinidade de Fio é construída, também, a partir de um modelo tradicional de homem como provedor e chefe de família, acreditando que, por isso, ele "era um sujeito bom e certo":

> Seguidor dos conselhos do pai e dos mais velhos, Fio Jasmim acreditava que, como homem, ele era um sujeito bom e certo. Trabalhava, supria as necessidades da mulher e dos filhos do casamento, pois esses, ele tinha a certeza que eram dele. (Evaristo, 2022, p. 111)

Essa concepção se aproxima da crítica feita por bell hooks em *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*, ao refletir sobre a "versão antiga do patriarcado". Segundo a autora, "na versão antiga, o homem como trabalhador, provedor, chefe patriarcal do lar tem importância" (hooks, 2022, p. 66). O personagem de Evaristo se vê como um "homem correto" por cumprir seu papel de sustento financeiro, mesmo que emocionalmente ausente ou infiel. Essa perspectiva revela como muitos homens foram levados a crer que exercer a masculinidade seria apenas garantir a estabilidade material, sem considerar as

dimensões afetivas, éticas e relacionais da paternidade e do companheirismo. Tanto hooks quanto Evaristo expõem como essa lógica patriarcal pode funcionar como armadilha, continuando o ciclo de ausências e falta de subjetividade sob a justificativa de que o trabalho e o sustento são suficientes para definir um homem valoroso.

Diferentemente da figura de Muhammad Ali – um homem negro que ousou rir, chorar e demonstrar sensibilidade em um mundo que esperava dele apenas brutalidade ou silêncio, como aponta bell hooks –, Fio Jasmim segue na direção oposta. Ensinado desde cedo a reprimir seus sentimentos, sua masculinidade é construída através da virilidade e do silêncio:

> Fio Jasmim, depois que se entendera por gente, ou melhor, bem antes, ali pelos dez anos, chorava muito pouco diante de alguém. Se tinha raiva, medo ou tristeza, lágrimas vertidas para dentro pretendiam dar conta de qualquer sentimento. Aprendera, desde cedo, a engolir o choro e deixar de lado qualquer sentimento que parecesse dor ou tristeza. Só a raiva era permitida, se não fosse contra os mais velhos. Raiva, explosão, enfrentamento na rua eram atitudes de um menino que estava se tornando homem. (Evaristo, 2022, p. 111)

Fio aprendeu que demonstrar qualquer sentimento de tristeza ou medo poderia torná-lo um homem fraco, mas o sentimento de raiva, ao contrário, era aceito como prova de força e virilidade. Assim, ele se torna um homem que silencia suas dores e sentimentos, reproduzindo um modelo de masculinidade que não o permite viver plenamente sua subjetividade emocional; o que o difere de Muhammad Ali.

Ainda na infância, Fio Jasmim é preterido por sua professora ao ser impedido de interpretar o papel de príncipe na encenação da história da Cinderela. Anos depois, esse episódio retorna de forma simbólica. Foi na cidade de Vale dos Laranjais, durante o tempo de colheita de laranjas, que Fio conheceu Neide Paranhos. A mulher “caiu fundo nos olhos do moço” e, ao reparar em seus pés, ele lembrou imediatamente da Cinderela. Pensou que os pés de Neide pareciam de uma “Cinderela negra” e que ele, agora, poderia ser o “príncipe negro” capaz de calçá-los e beijá-los na festa que haveria na casa dela. Nesse

momento, o devaneio se desfez, mas a lembrança da infância insistiu em voltar, revelando como aquela exclusão escolar permanecia viva em sua memória:

> Se naquele dia, quando tinha apenas oito anos de idade, a professora, Dona Celeste, depois de ter contado a história da Cinderela, impediu que ele encarnasse o papel de príncipe, chamando, para o jogo cênico, um menininho loiro, ele agora poderia ser tudo. Seria então o Príncipe Negro da noite e encontraria tantas mulheres, tantas cinderelas, quanto o seu coleguinha branco, com certeza, estava encontrando na vida. Eles eram homens. E como o homem branco, ele conquistava todas as mulheres que surgissem na sua frente. Eram iguais, ele e o homem branco, assim pensava Fio Jasmim... (Evaristo, 2022, p. 22)

Essa citação é especialmente importante, pois mostra como o racismo estrutural pode ter marcado a subjetividade de Fio Jasmim. Ao ser impedido por Dona Celeste de interpretar o papel de príncipe, ele recebe uma mensagem clara de que não se encaixa no ideal de beleza e valor associado ao menino loiro. Anos depois, Fio tenta compensar essa exclusão por meio de uma autoafirmação baseada na virilidade. Ele acredita que, ao conquistar muitas mulheres, poderá se igualar, ou até se mostrar superior àquele menino branco (agora um homem branco), como se estivesse em uma competição, sem se importar com os sentimentos das mulheres que passam pelo seu caminho. No entanto, essa tentativa revela mais uma forma de lidar com a exclusão do que de superá-la.

No ensaio *A criança, o maquinista e o homem: a questão da formação da masculinidade negra em Canção para ninar menino grande* de Conceição Evaristo, Santos (2024, p. 181) afirma que “O choque racial, em muitos casos, ocorre logo na infância”. Com Fio, esse choque acontece quando ele ainda é criança, fazendo-o perceber sua diferença e a do coleguinha loiro. Essa cena mostra como o protagonista sente o impacto do racismo cedo, o que contribui para a construção da sua identidade, e especificamente, da sua masculinidade.

Ainda no livro de bell hooks (2022), a autora faz uma reflexão sobre a sexualidade masculina negra estadunidense, mas que pode ajudar a entender o comportamento de Fio Jasmim:

> Na iconografia da sexualidade masculina negra, a foda compulsiva obsessiva é representada como uma forma de poder, mas, na realidade, é uma indicação de extrema impotência. Embora os mitos sexuais projetem a imagem do homem negro como “ladrão de mulher”, um herói erótico que leva uma vida de prazer eterno, por trás da máscara permanece a realidade do sofrimento. (hooks, 2022, p. 135)

Como aponta a autora, o homem negro muitas vezes pode ser associado à ideia de um “herói erótico” (que conquista muitas mulheres), assim como Fio é visto pelo pai e pelos colegas maquinistas que riem de suas conquistas e aventuras, mas essa imagem pode esconder uma realidade de impotência emocional.

Para hooks, a busca compulsiva por relações sexuais, para o homem negro, embora pareça um sinal de poder, pode ser, na verdade, uma forma de preencher vazios internos, de que talvez nem ele tenha conhecimento. Essa reflexão se aproxima da história de Fio Jasmim, que tenta, através de suas conquistas e relações sexuais, reafirmar sua masculinidade, mas carrega em sua subjetividade um vazio emocional. Ao final do romance, a narradora mostra que por trás de um homem sedutor e “viril”, existe um sujeito ferido, que não aprendeu a lidar com seus afetos e fragilidades:

> Fio buscava na lembrança sua vida de menino. E o menino príncipe que ele queria ser, a única lembrança amarga da infância. [...] Sim, ele era feliz. E por que não ser? No entanto, um sentimento lhe acometia sempre. Sua virilidade murcha, satisfeita, lassa, e o vazio lá dentro. Um vazio tão lá dentro a lhe pedir para tentar sempre e mais mulheres. Sempre e mais gozo. (Evaristo, 2022, p. 122)

Esse cenário começa a mudar já no final do romance, quando Fio conhece Eleonora Distinta de Sá (uma mulher lésbica) em um bar. No primeiro instante, ele a observa tentando encontrar um motivo para se aproximar, como fazia com outras mulheres. No entanto, logo a percebe com um olhar triste e se entristece também, sem entender o motivo. Ela, por sua vez, lhe oferece um

sorriso, e Fio decide se encaminhar para a sua mesa. A cena é marcada por intensas emoções:

> Os acontecimentos se deram como se o mundo fosse terminar no instante seguinte, não podendo, pois, desperdiçar um lapso do tempo. Era preciso acontecer tudo, antes que a vida se esvaísse. Olhares trocados, corpos mudando de lugar, garrafas espatifadas e rindo junto com dois humanos. E, ainda, o som de um compulsivo choro. Sim, das gargalhadas às lágrimas. Fio Jasmim caiu em um doloroso pranto profundo. Em um profundo e doloroso pranto. (Evaristo, 2022, p. 108 – 109)

Trata-se de um momento significativo na trajetória de Fio Jasmim. É nesse instante de vulnerabilidade que o romance revela a possibilidade de uma nova forma de masculinidade negra no personagem não baseada no silenciamento de emoções, mas na abertura para a escuta, o afeto e a reconstrução de si:

> E, pela primeira vez na vida, Fio Jasmim se aproximou de uma mulher não para cortejá-la, e sim para pedir amparo. Com o coração a explodir de um sentimento nunca antes experimentado, duas imagens se avultavam: Pérola Maria, a sua esposa, e Maria Perpétua, a moça-dádiva, a Virgem de Ébano na vida dele. (Evaristo, 2022, p. 109)

Esse trecho mostra como Fio começa a romper com os padrões de masculinidade que o moldaram desde a infância. Ao permitir o choro, ele assume uma posição de vulnerabilidade diante de uma mulher, algo que antes era impensável para ele. Trata-se de um momento importante no romance, em que sua subjetividade finalmente se expressa por meio da fragilidade, da memória e da dor. Além disso, mais a frente, a narradora diz o seguinte sobre o personagem:

> Assim, Fio Jasmim, homem trabalhador desde muito jovem, namorador também, bom marido, cumpridor dos deveres de pai, principalmente com os filhos nascidos do casamento, sem vício algum, a não ser gostar muito de mulher, como ele mesmo afirmava, seguia levando a vida. Foi preciso que esse homem,

> que se julgava perfeito, encontrasse com Eleonora Distinta de Sá, para que ele se atentasse para as suas próprias dores e para as que existem no mundo. (Evaristo, 2022, p. 120)

Eleonora, por sua vez, sentia-se grata à vida por ter encontrado um homem que pudesse considerar como um irmão. Nunca acreditou que teria uma relação amorosa com um homem, pois tinha plena convicção de que não os desejava dessa forma. Desde criança, enfrentou dificuldades com os “machos” de sua família, a ponto de ser expulsa de casa ao assumir-se lésbica. Carregava o desejo íntimo de que o mundo fosse dividido em duas partes, talvez como forma de escapar da dor causada pelas figuras masculinas ao seu redor. E mesmo assim, ofereceu a Fio Jasmim o acolhimento de sua casa, proporcionando-lhe um espaço de conforto em meio à vulnerabilidade que ambos compartilhavam. Movidos por uma profunda sensação de solidão que frequentemente as pessoas sentem diante da vida, Eleonora o recebeu em seu próprio quarto.

Durante muito tempo, ela acreditou que homens e mulheres deveriam viver separados, mas essa perspectiva começou a se transformar. No momento de maior solidão, aceitou a companhia e o afeto de alguém que antes considerava inimigo, ao reconhecer que ele também carregava suas próprias angústias humanas. Ele, por sua vez, que habitualmente se relacionava com as mulheres buscando apenas o prazer, permaneceu ao seu lado respeitando sua integridade corporal e emocional:

> No auge da solidão, aceitou a companhia, o afeto de quem ela cria como sendo seu inimigo, ao perceber que ele também guardava a angústia humana. E ele, que das mulheres só se interessava pelo prazer que elas poderiam oferecer-lhe, esteve lado a lado com uma, sem querer lhe tomar o corpo. Fio Jasmim, pela primeira vez na vida, talvez tenha percebido que o mais sagrado de uma mulher pode se encontrar para além de seu corpo. (Evaristo, 2022, p. 117)

A trajetória de Fio Jasmim, então, evidencia a desconstrução de um modelo de masculinidade patriarcal, machista e muitas vezes atravessado por marcas do racismo estrutural. Se no início do romance ele se mostra preso a

uma masculinidade tóxica, sustentada na virilidade, na negação dos afetos e na busca incessante pelos corpos femininos, ao final ele se permite sentir e refletir. O encontro com Eleonora é decisivo nesse processo, pois rompe com a lógica da conquista e abre espaço para a escuta, o acolhimento e o reconhecimento da própria dor (e a do outro). Ela foi a única mulher que Fio nunca tentou conquistar, e com Eleonora aprendeu que um homem pode, sim, chorar diante de suas dores e de sua perplexidade diante da vida e do mundo. Fio deixa de ser apenas um sujeito que atravessa a vida das mulheres e começa a se tornar um homem que expressa sua subjetividade. Conceição Evaristo, ao construir esse personagem com tamanha complexidade, amplia o conceito de escrevivência, demonstrando que os homens negros também carregam dores, afetos e contradições que precisam ser narrados.

Conclusão

Este trabalho analisou a trajetória de Fio Jasmim, protagonista de *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, com foco nas relações afetivas que ele estabelece ao longo da narrativa e na construção de sua masculinidade. A partir da observação das interações com personagens como Pérola Maria, Juventina e Eleonora Distinta de Sá, foi possível perceber como essas relações revelam tanto a reprodução de padrões patriarcais, quanto a possibilidade de ruptura e ressignificação desse modelo. A pesquisa destacou também como o racismo estrutural marcou Fio Jasmim desde a infância, influenciando sua forma de ver a si mesmo.

O trabalho mostrou que a masculinidade de Fio é construída desde a infância, a partir de exemplos familiares e de imposições sociais, resultando em um modelo baseado na virilidade, na negação dos afetos e na objetificação das mulheres; mas ao longo da narrativa, especificamente em seu encontro com Eleonora, o personagem começa a vivenciar experiências que lhe permitem acessar suas dores, reconhecer sua vulnerabilidade e romper, ainda que parcialmente, com a masculinidade tóxica que o moldou.

Além disso, a análise evidenciou como Conceição Evaristo, por meio de sua *escrevivência*, constrói um enredo em que as vozes femininas desempenham papel central, não apenas para a compreensão do protagonista, mas também como reconhecimento das dores e afetos compartilhados entre as personagens femininas. Com isso, a narrativa se estrutura não a partir de uma perspectiva masculina, mas pela escuta feminina. Cria-se, então, uma escuta de sororidade, em que as experiências das mulheres se entrelaçam para revelar o

homem e, ao mesmo tempo, reafirmar a importância da memória e do olhar feminino.

A presença da literatura afro-brasileira no centro desta pesquisa permitiu discutir não apenas a representação de homens negros na ficção, mas também a importância de valorizar produções literárias que confrontam estereótipos e oferecem perspectivas críticas sobre raça, gênero e afetividade. Assim, esta investigação contribui para o campo dos estudos literários ao oferecer uma leitura que articula literatura, identidade e crítica social, evidenciando que *Canção para ninar menino grande* é uma obra que provoca reflexão sobre os impactos do racismo e do machismo nas subjetividades negras. Ao mesmo tempo, reforça a necessidade de que obras como a de Conceição Evaristo sejam mais conhecidas em contextos educativos, para que novas gerações de leitores possam reconhecer, questionar e transformar as estruturas que sustentam a desigualdade no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Martins, 1973.

CADERNOS NEGROS. São Paulo: Quilombhoje, 2010. vol. 33.

CANAL CURTA. Entrevista com Conceição Evaristo sobre a 2ª edição de *Canção para ninar menino grande*. YouTube, 11 maio 2023. Disponível em: https://youtu.be/9OkO9LOdIME?si=k19eFrvHZQZsuA-t. Acesso em: 07 mar. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

hooks, bell. **A gente é da hora:** homens negros e masculinidade. São Paulo: Elefante, 2022.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula.** Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

Souza, D. C. de, Araújo, F. S. de, & Lima, L. C. de. Amor e poder: relações complexas em Canção para ninar menino grande de Conceição Evaristo. **EntreLetras**, v. 15, n. 3(3), p.63–78, set./dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/19344/22571. Acesso em: 03 mar. 2025.

DUARTE, Constância Lima. Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 134-150.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência:** a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem,** Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012. 259 p.

SANTOS, Wanderson Barbosa dos. A criança, o maquinista e o homem: a questão da formação da masculinidade negra em Canção para ninar menino grande, de Conceição Evaristo. **Missangas**: Estudos em Literatura e Linguística, v. 5, n. 11, p. 179-190, jul./dez. 2024. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/missangas/article/view/21258/14952. Acesso em: 03 mar. 2025.

SOUZA, Florentina. Mulheres negras escritoras. **Revista Crioula**, [S. l.], n. 20, p. 19–39, 2017.

SOUZA, Lívia Maria Natália de. Uma reflexão sobre os discursos menores ou A escrevivência como narrativa subalterna. **Revista Crioula**, [S. l.], n. 21, p. 25–43, 2018.